

## A FILOSOFIA COMO VISÃO DO MUNDO

## PHILOSOPHY AS WORLD VIEW

## LA FILOSOFIA COME VISIONE DEL MONDO

*Fabio Ciraci*<sup>1</sup>

*Tradução: Leandro de Araújo Sardeiro*<sup>2</sup>

Recebido: 08/2019

Aprovado: 11/2019

**Abstract:** In the present essay is discussed the necessity of philosophy as critical *Weltanschauung* i.e. a critical vision of the world. A philosophical error is much more dangerous than a mistake made in other areas of human knowledge. A world without Philosophy is in danger of becoming dogmatism. Philosophy questions the scientific postulates, moral principles, the dogmas of faith and puts everything under the critical scrutiny of reason. Through skepticism, philosophy prevents totalizing and totalitarian visions of world, political and social ideologies, and requires a continuous exercise of a critical reason.

**Riassunto:** nel presente saggio si discute della necessità della filosofia come *Weltanschauung* critica, ovvero come visione critica del mondo. Un errore filosofico è molto più pericoloso di errori in altri ambiti della conoscenza umana. Un mondo senza filosofia si trova nel pericolo di diventare dogmatico. La filosofia interroga i postulati scientifici, i principi morali, i dogmi di fede e pone tutto sotto il vaglio critico della ragione. Attraverso lo scetticismo, la filosofia previene visioni totalizzanti e totalitarie, ideologie politiche e sociali, e richiede un continuo esercizio della ragione critica.

**Resumo:** no presente ensaio se discute sobre a necessidade da filosofia como *Weltanschauung* crítica, ou como visão crítica do mundo. Um erro filosófico é muito mais perigoso do que os erros em outros âmbitos do conhecimento humano. Um mundo sem filosofia se encontra no perigo de tornar-se dogmático. A filosofia interroga os postulados científicos, os princípios morais, os dogmas de fé e põe tudo sob o escrutínio crítico da razão. Através do ceticismo, a filosofia prevê visões totalizantes e totalitárias, ideologias políticas e sociais, e requer um contínuo exercício da razão crítica.

Ninguém duvidará que a Engenharia seja útil para a vida do homem, nem que o seja a Medicina, porque a utilidade dela é imediatamente intuída aos olhos de qualquer indivíduo

---

<sup>1</sup> Universidade do Salento, Departamento de Estudos Humanísticos. É secretário do “Centro Interdepartamental de pesquisa sobre Schopenhauer e a sua escola”, membro da seção italiana da Schopenhauer-Gesellschaft. E-mail: [fabio.ciraci@unisalento.it](mailto:fabio.ciraci@unisalento.it)

<sup>2</sup> Universidade Estadual do Piauí. Professor Assistente de Filosofia. Licenciado, mestre e doutor em Filosofia. E-mail: [leosardeiro@phb.uespi.br](mailto:leosardeiro@phb.uespi.br)

também de pouca ou nenhuma instrução: como se poderia, de fato, edificar pontes, construir edifícios ou igrejas, navios ou estações de trem? Como se poderia de outro modo curar as doenças que afligem os homens, salvar um indivíduo que sofre de uma doença, fazer nascer uma criança ou assumir os cuidados de uma parturiente, tornar digna a vida dos anciões aliviando as suas feridas antigas ou curar as feridas causadas acidentalmente por um descuido? Nem a Química ou a Física, a Matemática ou a Informática parecem ser inferiores às duas primeiras: como poderíamos de outro modo ouvir os fenômenos da natureza, o mundo na sua estrutura íntima, medi-lo e colocar as suas partes em relação, compreender o seu funcionamento, poder contar, calcular, mesmo que só para fazer as compras, ou mesmo assinalar o limite de um terreno ou determinar a trajetória de um foguete no espaço e lançar satélites com os quais ligar a terra em cada um dos seus lugares remotos através das telecomunicações, como poderíamos nos comunicar através da internet com a outra parte do globo? E ainda, como poderia o homem viver sem o Direito ou sem a Economia? Ou sem a divisão de regras pelo indivíduo e pela sociedade, sem procedimentos que convalidem as leis, que reconheçam os direitos e deveres de cada indivíduo e dos povos, sem que o direito estabeleça os limites daquilo que é lícito e ilícito, justo e injusto, sem a compreensão do valor do dinheiro, do seu poder sobre os homens e sobre as nações?

Alguém poderia, porém, duvidar do valor da Filosofia. Talvez não o revele o velho adágio segundo o qual “a filosofia é aquela coisa com a qual ou sem a qual se permanece tal e qual”? É difusa mesmo a ideia de que a filosofia não seja uma ciência, que seja somente um sofisticado e inútil passatempo intelectual, uma sorte de entretenimento para senhores resultante mais da preguiça e para matar o tempo do que das reais exigências humanas. A filosofia na verdade não teria uma matéria própria e, antes disso, se autoproclamaría com presunção de rainha de todas as ciências, não tendo um método próprio e um campo de saber específico. A filosofia seria isso que resta do longo processo histórico de evolução e de especialização do saber humano, à origem do qual o saber era ainda único e aos poucos se articulou e especializou em vários ramos, tornando cada disciplina autônoma, independente da filosofia – com o surgimento de disciplinas como a Psicologia, a Sociologia, a Pedagogia e etc. – a quem não restaria senão o papel histórico de fonte de inspiração e o vago sentimento de “amor pelo saber” que deu forma ao progresso do gênero humano. Em suma, a filosofia não seria – segundo um certo ponto de vista contemporâneo – nem mais nem menos que um fóssil da cultura humana, dotado talvez de algum significado histórico mas depois, na realidade factual, completamente inútil porque ineficaz, muito geral e de forma alguma adaptado aos nossos tempos, que

requerem especificidade, eficácia e utilidade prática.

Entretanto, seja-nos permitido agora de pensarmos juntos sobre o valor da filosofia para o homem e para a nossa vida, propondo alguns exemplos que corroam mesmo aquela atitude dogmaticamente difícil de quem não tem dúvidas e crê possuir a verdade do mundo, as soluções para todos os problemas, as chaves de cada enigma. Experimentemos começar, com método filosófico, a falsear as hipóteses formuladas até agora contra a filosofia, para verificar, com método científico, a sua atualidade, para ver se é possível verificar a necessidade, de um olhar filosófico sobre o mundo, ou mesmo uma visão de mundo que é, em primeiro lugar, uma filosofia que queira ser chamada como tal.

Experimentemos a pensar juntos a começar pelo erro, instrumento eficaz que coloca à prova as afirmações mais resistentes. Com efeito, concordaremos todos sobre o fato de que o erro de um engenheiro põe em risco a existência de muitos indivíduos, porque poderá ser causa da queda de uma ponte ou de um edifício, do descarrilamento de um trem ou do transbordamento de uma barragem; assim, o erro médico custará a vida ao paciente que não terá recebido os tratamentos adequados ou colherá vítimas caso a vacina errada seja administrada; um erro químico-físico poderia iniciar uma reação atômica, como a de Chernobyl em 1986; um cálculo errado poderia lançar um satélite sobre uma cidade e fazê-la explodir, ou mesmo um apagão da rede poderia revelar-se desastroso para a economia, como aconteceu em agosto de 2013 quando o Google travou por 4 minutos e a bolsa mundial foi abaixo em 40%; ou mesmo o exercício impróprio de uma lei, como a *Brexit*, poderia gerar um impasse nas instituições e colocar em crise a comunidade europeia.

Todos esses são exemplos de erros nos vários campos do saber que podem envolver diversos milhares de homens, eventos bem definidos no espaço e no tempo, mas que por sorte são restritos, ou podem ser, mesmo se tardiamente, administrados e corrigidos, embora com custos humanos e ambientais às vezes altíssimos. Mas experimentemos pensar, por outro lado, o que acontece quando o erro envolve a filosofia, ou seja, quando o erro se instila na visão do mundo. Experimentemos pensar na extensão do dano provocado, por exemplo, pela infeliz ideia de uma “raça superior”. Trata-se de uma ideia que não se move de maneira isolada, mas de modo orgânico com um sentir e um pensar, bem mais potente que uma bomba atômica, ou melhor, gostaria de dizer, a causa teórica e histórica da bomba atômica, do Holocausto, o gatilho teórico do massacre em massa, a causa da barbárie do Novecentos e da Idade Contemporânea. A ideia de uma raça superior constitui a pedra angular da ideologia racista, que legitima a prática da submissão e eliminação das ditas raças inferiores; é um mito perigoso e potentíssimo

que adoce a cultura, que desconcerta a civilização e que, uma vez represado, tende a afundar e ressurgir ao longo do tempo logo que a sua virulência seja esquecida. Mas experimentemos pensar um exemplo ulterior. A ideia (errada) de que o homem seja senhor do mundo e que possa dele dispor ao infinito, desfrutando dos seus recursos naturais e dissipando as suas energias, é um erro infeliz, sintomático – e esse é o ponto – uma *Weltanschauung*, para dizê-lo com Dilthey, ou mesmo de uma visão de conjunto da vida e do homem que porém, no pior caso, constitui-se como forma ideológica e que pode levar o homem à extinção.

Alguém poderia então objetar que a filosofia enquanto tal é essa portadora de ideologias, as quais podem às vezes constituir-se como imagens totais do mundo, como havia indicado Kant na *Kritik der Urteilskraft*, e desse modo, totalizantes; a *Weltanschauung* seria desse modo uma visão “abrangente” para dizê-lo com Karl Jaspers, que há lugar “[...] em um momento em que nosso mundo, nossa realidade, nossos objetivos são fixos e se tornam óbvios, ou ainda não experimentamos a possibilidade da visão do mundo ou ficamos rígidos em uma concha e não fazemos mais nenhuma experiência”.

Nesse sentido, trata-se de visão de mundo ideológicas, capazes de exercitar a própria vontade de potência sobre a realidade, de administrar o mundo. Mas aqui se cometeria um outro erro recorrente, um erro histórico e lógico ao mesmo tempo: confundir a história do pensamento filosófico passado – colhido na sua realidade ora petrificada, nas suas formulações, com a filosofia, ou com o processo vivo do pensamento, com a sua natureza ígnea e atualizante. Isso acontece porque somos educados para estudar a filosofia a partir dos sistemas filosóficos aos quais os pensadores das variadas épocas chegaram depois de análises, provas e erros, refutações e repensamentos. Parte-se dessa forma do fim, do sistema, do seu resultado último, e não se mostra qual foi o processo mental de reflexão que conduziu um autor a formular o seu sistema filosófico. Em poucas palavras, não se faz filosofia, se lê passivamente o já pensado. Não se segue o ensinamento de Kant que ensina a educar-se no pensamento para aprender a pensar. Apresenta-se a filosofia como a história variada e completa de verdades individuais, como se fosse uma rima infantil de ideias, não a representamos como aquela forma peculiar do pensar autônomo que tem início na dúvida, no colocar em discussão as autoridades precedentes, na capacidade de aproximar-se criticamente da realidade colocando em discussão os seus fundamentos, princípios científicos, postulados morais e assuntos de fé. Certamente, é verdade – como acreditava o filósofo italiano Gentile – que existe um círculo entre história da filosofia e filosofia, ou entre pensamento pensado e pensamento pensante, porque a filosofia se nutre da reflexão passada e a torna atual no momento mesmo em que a pensa, a revitaliza. Platão,

Aristóteles, Agostinho, Espinosa e Schopenhauer atravessam assim os séculos e nos falam ainda, através da névoa do tempo. Todavia, é também verdadeiro que a filosofia não se limita a atualizar o pensamento passado, mas a primeira ação que assume é aquela de colocar em discussão quanto até então fora estabelecido. A história é sua matéria, a teorização o processo, o ceticismo a sua ação. Portanto, a filosofia se qualifica e se caracteriza antes de tudo por sua dimensão cética e antidogmática, como processo analítico antes mesmo de ser procedimento sintético segundo a razão. Antes de edificar a filosofia deve desconstruir, deve colocar à prova, deve experimentar, de se aventurar.

A filosofia combate então contra toda visão totalizante do mundo, busca compreender o seu funcionamento na sua organicidade buscando, porém, escapar da tentação, sempre presente no homem, de lançar a última palavra, de estabelecer verdade. A filosofia é, em outras palavras, *busca autônoma racional*. Nesse sentido, a filosofia abandonou há tempos as cômodas almofadas da metafísica, sobre as quais repousam os dogmatismos e as religiões de cada tempo, para percorrer a via mais árdua da análise e do ceticismo, colocando geralmente em crise também as ciências exatas e colocando em discussão, de tempos em tempos, também a si mesma.

Além disso, se não quiser ser uma fantasia vazia ou um vanilóquio, ela se nutre dos resultados das ciências, confronta-se com os demais ramos do saber, através de um trabalho de análise que as simples disciplinas não se podem permitir, devendo edificar-se ela mesma em sistema, devendo dessa modo constituir-se como saber especializado fundado sobre princípios para poder prosseguir. Mas são os princípios mesmos, os postulados e os axiomas, os dogmas e as verdades últimas que são a matéria de análise da filosofia em quando indagação crítica e racional em torno das perguntas fundamentais que o homem se põe acerca da sua existência e da realidade em que vive. E inevitavelmente, como bem sabia Aristóteles, filosofa todo homem que se coloque nessa atitude, mesmo contra a sua vontade; filosofa todo cientista, todo médico, todo engenheiro ou jurista, todo economista ou físico que se interrogue sobre os princípios últimos e primeiros do mundo, que se interrogue sobre o homem e sobre o cosmo.

Compreende-se na verdade a tentação, própria de todas as ciências, de filosofar, de querer assim apresentar uma visão de conjunto do mundo, às vezes indo bem além dos limites insuperáveis dos fenômenos naturais cuja experiência científica se enraíza ali onde estabelece o próprio domínio, o próprio campo de validação e a própria força. Não são talvez aquelas de Aristarco de Samos ou de Herone de Alexandria, de Leibniz ou de Descartes, de Copérnico ou de Galileu, de Einstein ou de Stephen Hawking tentativas de representar a ideia do universo, de

expressar juízos sobre Deus ou sobre outros mundos, de projetar-se no futuro, que se põem bem além do limite da experiência possível, do experimento e das hipóteses científicas, que buscam desse modo estender os resultados obtidos no âmbito da própria disciplina a imagem geral do mundo?

Mas filosofar não quer dizer automaticamente fazer filosofia. No início da sua *Metafísica*, Aristóteles defende que “Todos os homens por natureza tendem ao saber” (980<sup>a</sup>), mas nem todos exercitam o pensamento de maneira consciente e segundo uma disciplina. A filosofia exige educação e autoeducação: educação sobre o método e sobre léxico filosófico, educação sobre a história do pensamento e sobre sua estrutura teórica; autoeducação em direção ao amor pelo saber de onde a filosofia tira a sua origem como alimento primário; autoeducação, finalmente, como esforço analítico, como trabalho hermenêutico, como vigilância crítica contra todo dogmatismo e, sobretudo, como incansável exercício de clareza, símbolo de todo filosofar honesto.

### Referências bibliográficas

- ABBAGNANO, N., (1962), *Problemi della storia delle scienze e fasi della scienza*, In *Storia delle scienze*, UTET, Torino 1962.
- ARISTOTELE, *Metafísica*, Rusconi 1993.
- CIRACÌ, F. Variazioni su ideologia e metodo. Saggio storico-filosofico. *H-ermes. Journal of Communication*, n. 7, p. 205-226, 2016. issn 2284-0753. Disponível em: “<https://doi.org/10.1285/i22840753n7p205>”, acesso em: 8 nov. 2019.
- DILTHEY W., *Gesammelte Schriften*, 26 Bde., hrsg. von Georg Misch, Stuttgart, Göttingen 1936 (1914) e sgg, vol. VIII, *Weltanschauungslehre. Abhandlungen zur Philosophie der Philosophie* (1911), 1931
- GENTILE, G., 2006, *Teoria generale dello spirito come atto puro* (1916), 7. ed. riveduta, In *Opere*, v. III, Le Lettere, Firenze 1987
- HAWKING, S.W. *La teoria del tutto*. Rizzoli, 2018.
- JASPERS, K., *Psychologie der Weltanschauungen* (1919), Springer, Berlin-Heidelberg-New York, 1990.
- KANT, I., *Kritik der Urteilskraft*, In \_\_\_\_\_. *Kant's gesammelte Schriften*, Bd. V, Akademie-Ausgabe, Berlin, p. 254 et seq.
- KANT, I., *Che cosa significa orientarsi nel pensiero*, Adelphi, 1996
- PONSETTO, A. Genesi dell'idea di Weltanschauung e recupero dell'idea originaria di filosofia. *Idee*, 26, p. 35-68, 1994.